ANA M. M. SANTOS

Réplica Itinerante

O romper da aurora foi sobressaltado. A terra tremia num setembro ainda morno de fim de verão. O tilintar dos bibelôs em cima do móvel fez despertar Ezequiel, que dormitava ao lado da esposa.

– Querida –, chamou Ezequiel, aflito, enquanto a abanava – acorda, por favor!

Alzira acordou, abriu os olhos e ficou aterrorizada ao sentir a cama tremer.

– É o que estou a pensar, Ezequiel?

Ezequiel abraçou Alzira e puxou-a para ele.

– Esconde-te – enfiaram-se debaixo da cama até o tremor de terra passar.

Do abrigo improvisado, ouvia-se o trincolear dos copos que brindavam numa dança descompassada dentro do armário da cozinha, na divisão contígua. Os lençóis bailavam de um e de outro lado da cama, e os chinelos pareciam querer andar sozinhos, mesmo com o atrito do tapete onde estavam pousados.

Por ser início da manhã, as ruas estavam praticamente desertas. Os animais, mais sensíveis a estes fenómenos, amedrontavam-se nos ninhos ou tocas. Pardais, esquilos e raposas emitiam sons aflitivos que tinham sido ouvidos com assustadora frequência nos dias antecedentes ao terramoto.

Já havia notícia de localidades devastadas pelo ranger incessante das placas tectónicas, mas o governo abafara cuidadosamente todos os rumores e conservava uma postura autoritária: a população era mantida analfabeta e os meios de comunicação social controlados para que ninguém se atrevesse a contrariar o estado. Felizmente, para os governantes daquela cidade, qualquer tremor de terra no local ocorrera de madrugada, impercetível à maioria dos seus subordinados.

O governo era um órgão de acesso restrito e leis severas. Guardado por forças militares, o centro operacional da nação era interdito a civis e ninguém ousava aproximar-se do local. As conversas dos descontentes eram mantidas em surdina e apenas vinham a público os decretos a ser cumpridos pela população. As sanções a aplicar aos que desrespeitassem as vontades superiores eram dissuasoras e demoviam quem pensasse sequer em se insurgir contra o governo.

Pessoas que apregoavam o fim dos tempos, erguendo cartazes apocalípticos ou vociferando discursos improvisados com um megafone, ou eram presas, desapareciam misteriosamente sem deixar rasto e ninguém ousava perguntar o motivo da sua súbita ausência; ou eram tomadas loucas e ignoradas por qualquer transeunte. Felizmente para Ezequiel, inseria-se no segundo grupo.

Em tempos de juventude, quando o regime aflorou e ganhou vigor, Ezequiel, de sangue na guelra, insurgira-se um par de vezes contra militares que patrulhavam as ruas, desafiando, desdenhoso, a lei e profetizando a plenos pulmões a catástrofe que viria a abalar a cidade.

– Ignóbeis! Mal sabeis o que vos espera, ides morrer todos aqui! – gritava Ezequiel na cara de um dos guardas enquanto um amigo o tentava demover e lhe segurava os braços.

– Não liguem, senhores agentes, ele está perturbado!

– Perturbado? Eu? Por quem me tomas? – insurgiu-se contra o amigo.

– Por favor, Ezequiel, já chega. Para! Pensa na Alzira... – implorou-lhe, quase em lágrimas.

– Prendam-nos para interrogatório – ordenou um oficial que se juntou à confusão – veremos quem mente: se quem grita, se quem o tenta salvar!

Após horas de interrogatório, e de testes psicológicos que Ezequiel conseguira ludibriar com facilidade, fora dispensado com uma declaração de loucura. Já o seu amigo, sem essa sorte, fora torturado até perecer e nunca mais ninguém ouviu falar dele, o que amargou Ezequiel durante toda a vida.

As sanções não se restringiam a esse fado. Os profetas e os seus cônjuges eram sentenciados à castração química, identificados, e caso os apanhassem a tentar fugir da cidade de residência, eram capturados pelos oficiais e abatidos a sangue-frio num beco abandonado de um grande centro urbano.

Assim que o chão estabilizou, Ezequiel voou para um banco no canto do quarto. À frente, sobressaía aquilo que aparentava ser uma mesinha de costura, tapada por uma toalha finamente bordada pela esposa. Ao destapar o objeto, manuseou um pequeno rádio com um microfone antigo e um dispositivo de código morse, conexos a uma parafernália de antenas e fios, gastos pelo uso e

pelo tempo. Era a única forma de manter uma comunicação minimamente segura, estável e difícil de rastrear, num mundo cada vez mais tecnológico.

Após tentar anunciar o que viria pelas ruas da cidade, com aquilo a que as multidões, incrédulas e iludidas pelo governo, maldosamente apelidaram de profecias do apocalipse, Ezequiel desistira de pugnar pelos habitantes. Agora, só queria alertar as pessoas que lhe eram queridas que a hora de arrumar a mochila e aventurar-se a uma vida nómada estava próxima.

Afinou os aparelhos e verificou o relógio. Era o momento combinado para emitir o código. Carregou no botão com cuidado para permitir a passagem de corrente, reajustou a faixa AM para a posição correta e discou diversos pontos e linhas com a mensagem: «A cidade deve ser abandonada hoje. Este tremor de terra foi o último aviso. A réplica itinerante está a caminho. Por favor, mantenham-se a salvo. Ignorem as ordens do governo. Encontrar-nos-emos no local combinado».

Nas horas seguintes, Ezequiel e a esposa verificaram obsessivamente as mochilas que iriam transportar com os itens imprescindíveis à sobrevivência. Nada essencial poderia ser deixado para trás pois a viagem seria sem retorno, mas o excesso de carga poderia desfavorecê-los na fuga. O carro seria útil nas primeiras centenas de quilómetros da viagem mas, a partir da subida sinuosa para a localização segura, o percurso teria que ser feito a pé.

No mercado negro, a preços escandalosos, Ezequiel conseguira adquirir comida liofilizada e alguma ração militar. Aquecer água não seria um problema, pois a zona possuía fontes de água doce e bastava um recipiente para ferver e tornar o precioso líquido potável. Alzira, por seu turno, tinha conseguido, em conversa com uma prima costureira, algumas roupas adequadas à sobrevivência a intempéries.

Depois de um aceso debate acerca do que transportar, e de as mochilas estarem preparadas para a jornada, a mensagem foi repetida mais três vezes e os aparelhos de rádio cuidadosamente arrecadados numa pequena mala de madeira.

Ezequiel e a mulher encontravam-se prontos, mas ainda não podiam sair. Os guardas patrulhavam as ruas implacavelmente e era essencial esperar pelo final do dia para carregar o carro e partir em segurança. Espreitavam, com frequência, através da cortina, e anotavam o horário de passagem das rondas. Se fossem descobertos, estavam condenados à morte.

Ao longo do dia, a vida no exterior decorreu como se nada houvesse acontecido. O sol dourava o céu. O mar ia recuando mais do que o normal, mas ainda assim a brisa costeira soprava e inundava a cidade com um aroma a maresia. As pessoas inalavam aquela fragrância natural e faziam a sua rotina tranquila.

Havia donos que passeavam os cães pelo parque, outros que eram passeados. Ali perto, num escorrega gigante, uma fila de crianças subia as escadas e descia alegremente num ciclo ininterrupto. Mães embalavam os recém-nascidos sentadas em bancos de jardim.

Os militares, vestidos de civis, labutavam atrás do balcão de cada loja, servindo uma população controlada. Os habitantes da cidade julgavam tratar-se de outros cidadãos especialmente escolhidos pelo governo e destacados para aqueles cargos, pelo menos era o que os levavam a intuir quando algum conterrâneo desaparecia: seria alvo de uma reeducação e inserido noutra comunidade para recomeçar do zero. Com olhos e ouvidos por toda a urbe, não era difícil manter as coisas sob controlo.

No meio da cidade, *outdoors* institucionais anunciavam as maravilhosas vantagens de escolher aquele local para morar. Entre elas, a proximidade à praia era a mais atrativa. A segurança era a segunda medida apregoada, e as patrulhas da cidade enfatizavam isso mesmo. O exagero na aclamação das construções aliciava turistas cegamente formados pelo governo.

As atividades marítimas e no jardim que bordejava a costa constituíam outras atrações. Chás convívio na relva para mães e bebés, sessões de leitura ficcional em que os militares liam histórias para os mais novos, cursos culinários em tendas improvisadas para jovens recém-casadas que ambicionavam impressionar os esposos, corridas à beira-mar ou desportos aquáticos para rapazes que gostavam de se exercitar...

O relógio avançava e o sol descrevia uma trajetória precisa pelo céu. As patrulhas dos guardas pelas ruas estavam cada vez mais espaçadas, e era a altura ideal para Ezequiel pôr o seu plano em prática. Carregaram com cautela as bagagens e desceram a escadaria do prédio. Esperaram o guarda dobrar a esquina e dirigiram-se para a garagem onde deixaram o carro pronto para a fuga.

O sol caía de forma lenta sobre o que resta de um mar aparentemente calmo. Ninguém na cidade dera ouvidos às profecias de Ezequiel que julgaram loucas. As pessoas dirigiam-se como formigas para suas casas, cumprindo o recolher obrigatório, e preparavam o jantar, enchendo a cidade de um apetitoso aroma que flutuava de cada janela.

Ele e a esposa tentavam salvar a pele, comprimindo-se num velhinho Fiat Uno Turbo vermelho rumo ao interior, com o depósito cheio, numa corrida inglória contra o tempo. O rádio do carro encontra-se com muitas interferências e o que é dito surge numa voz fanhosa de difícil perceção. Uma palavra é ouvida, «...iminente...» mesmo antes de um último ruído.

– Bolas! – Ezequiel tenta sintonizar o rádio girando o botão para trás e para a frente, sem êxito.

– Parece que morreu de vez – constatou Alzira –, espero que ainda haja tempo para nós.

Alzira remexe no bolso do casaco de onde retira um terço. Unindo as mãos, começa a rezar enquanto Ezequiel conduz cauteloso e a contrarrelógio, sem dar nas vistas para não correrem o risco de serem apanhados.

Num bairro perdido no meio da cidade, o alarme de um carro desconhecido soa ininterruptamente. Não muito distante dali as vigas metálicas de uma montanha-russa abandonada gemem e parecem querer ceder, acompanhando o bailado de uma árvore que, tímida, sente a primeira brisa anunciando um outono vindouro.

O mar, que começara a recuar horas antes, é uma miragem no horizonte, podendo vir a tornar-se numa parede colossal capaz de engolir o mundo de cada habitante em poucos segundos. As sirenes, silenciadas pelo governo, continuariam mudas, sem dar sinal de qualquer alarme. Os animais selvagens, inquietos, são o único som de alerta que se ouve, cada vez mais distante, à medida que abandonam a cidade. O quotidiano parece tão normal como se nada fosse acontecer ao cair da noite.

As aves mantêm-se em terra, voando sobre as habitações como um sinal de agoiro. No círculo privado das casas, as televisões começaram a falhar, dando lugar à estática. Dentro de instantes, a luz sucumbirá e ninguém está preparado para o que há de vir.

NOTA BIOGRÁFICA

Ana M. M. Santos nasceu na Beira Interior em 1990. É licenciada em Cinema (UBI, 2013) e mestre na mesma área (UBI, 2016) com uma dissertação sobre a adaptação cinematográfica do conto tradicional “Branca de Neve”. Frequenta o doutoramento em Média Artes (UBI, em curso), onde desenvolve uma pesquisa sobre a adaptação de romances de terror à sétima arte. Autora de várias comunicações e artigos, trabalha como revisora científica e literária, escreve guiões e contos, e também histórias para crianças. É investigadora colaboradora no centro Labcom.IFP (UBI).